

CARTA SEMANAL

Eleição cá, eleição lá

16 DE OUTUBRO DE 2026

CANÁRIO DA MINA
ED. 177

G5 Partners

Sim, vamos falar de novo de eleições, mas desta vez da que ocorrerá em breve nos Estados Unidos, para renovar totalmente a Câmara dos Deputados e um terço do Senado. A chamada “eleição de meio de mandato”, que acontecerá em 3 de novembro, pode determinar como serão os últimos dois anos de mandato do presidente Donald Trump e gerar muita volatilidade para os mercados.

Entender esse cenário e, principalmente, destrinchar essa eleição que não existe no Brasil é o objetivo da edição desta semana de “O Canário da Mina” (OCM).

Na estrutura política dos EUA, a Câmara dos Deputados tem 441 cadeiras, mas apenas 435 membros com direito a voto, os quais representam os 50 estados da União. As 6 cadeiras adicionais são de delegados do Distrito de Colúmbia (Washington), de Porto Rico, de Guam, das Ilhas Virgens Americanas, de Samoa Americano e das Ilhas Marianas do Norte – todos protetorados americanos, com exceção de Washington. Atualmente, o partido republicano tem 218 cadeiras, o partido democrata tem 214, um deputado se define como independente, e há duas sem representantes¹. Todas as vagas com direito a voto estarão em jogo na eleição de meio de mandato. Interessante notar que a Câmara americana tem menos cadeiras que a brasileira, apesar de os EUA terem uma população maior e mais estados. Já no caso do Senado, como há apenas duas vagas por estado, o número de senadores nos EUA chega a 100 contra 81 do Senado brasileiro, mas aqui temos três por estado, e novamente os republicanos têm maioria, com 53 senadores contra 46 dos democratas e um independente. Como nas eleições de meio de mandato são renovadas 33% das cadeiras, teoricamente estariam em jogo 33 vagas; entretanto, na verdade serão 35, dado que serão substituídos os

ocupantes das vagas de JD Vance (atual vice-presidente) por Ohio e de Marco Rubio (atual Secretário de Estado) pela Flórida e, ao contrário da Câmara, as vagas a serem preenchidas fazem diferença na composição final do Senado. Aqui está a primeira vantagem para os democratas, visto que são 22 cadeiras republicanas contra 13 democratas em disputa. De todo modo, o principal trunfo do partido democrata para tomar o Senado dos republicanos está não nessa matemática, mas na impopularidade de Donald Trump.

Segundo o agregador de pesquisas do RealClear Polling, Trump está com 38,8% de aprovação e 58,8% de desaprovação, os piores níveis de seu segundo mandato. O principal motivo para esse desempenho ruim do presidente americano tem relação com a alta dos combustíveis nos EUA devido à guerra com o Irã – em 2026, a gasolina já subiu 56% e o diesel, 76,5%. Isso pode ser decisivo em estados agrícolas, como Texas, Iowa e Kansas, além de outros que dependem muito do consumo de diesel, como Alaska. Em todos Trump ganhou de Kamala Harris na eleição presidencial de 2024, em todos as cadeiras em disputa são republicanas, e em todos os candidatos do partido republicanos eram, em princípio, favoritos. Por exemplo, Kansas não elege um senador democrata desde 1932, mas agora aparece como incerto (“toss up”, no jargão americano) pelo *The*

¹ Uma pertencia a Tony Gonzales, republicano do 23º distrito do Texas; e a outra, à Sheila Cherfilus-McCormick, democrata do 20º distrito da Flórida.

Cook Political Report, uma das fontes mais confiáveis para acompanhar as eleições legislativas americanas. Entretanto, não é apenas o impacto da guerra com o Irã que está colocando em risco a maioria republicana no Senado. A questão imigratória pode impactar a eleição no Texas, e a guerra tarifária com o Canadá pode interferir na escolha do eleitorado em estados fronteiriços como Minnesota e Michigan.

Por todos esses fatores, a princípio os democratas são favoritos para “virar” o Senado. Segundo o site Polymarket, a probabilidade de que isso aconteça é de 64% – no início do ano, estava em 35% –, enquanto o RealClear Polling projeta 53 cadeiras para os democratas e 47 para os republicanos. As eleições-chave para acompanhar são em Michigan, um estado democrata que está como incerto no *The Cook Political Report*; New Hampshire, outro estado democrata que se não for mantido vai tornar difícil a virada do Senado e está como provável para os democratas no *The Cook Political Report*; Texas, um estado republicano que está como incerto no *The Cook Political Report* e teria um valor simbólico na virada democrata; e Carolina do Norte, outro estado republicano onde os democratas podem virar.

Se no caso do Senado a maioria da casa ainda está em disputa, no da Câmara, a discussão é por qual margem os democratas vão ganhar. A principal diferença que leva essa mudança é a renovação total das cadeiras, o que, intrinsecamente, já aumenta a chance de virada nessa casa. E os números comprovam isso. Segundo o site Polymarket, o partido democrata tem 91% de chances de ganhar a Câmara, e o RealClear Polling indica 226 cadeiras para os democratas, 188 para os republicanos e 21 em disputa. Portanto, mesmo que o partido republicano conquistasse todas as vagas em aberto, perderia a casa. E a derrota só não vai ser maior porque, desde que assumiu a presidência, Trump exortou os

estados controlados pelos republicanos a alterarem o desenho dos distritos – nos EUA, o voto é distrital – para favorecer os candidatos do partido, o que, de acordo com o *The Cook Political Report*, garantiria 4 cadeiras a mais para os republicanos. Nos EUA isso tem inclusive um nome específico, *Gerrymandering*.

Em 1812, Elbridge Gerry era governador de Massachusetts, pertencia ao partido democrata-republicano – antecessor do atual partido democrata – e aprovou um redesenho dos distritos eleitorais que favorecia seu partido. O problema foi que um desses distritos ficou com um formato tão irregular que disseram na época que parecia uma salamandra (*salamander*, em inglês). Daí o nome do distrito redesenhado; uma mistura do sobrenome do governador, Gerry, com o final do nome da salamandra em inglês “mander”: *Gerrymander*. E o ato de redesenhá-lo ficou *Gerrymandering*. Uma história interessante que mostra que o americano também tem senso de humor.

Só que, para o que interessa aqui, o importante é que há uma chance não desprezível – segundo o site Polymarket, de 63% – de os democratas tomarem as duas casas dos republicanos. Portanto, faz-se mister entender o que isso significa para a governabilidade dos EUA nos próximos 2 anos.

Certamente a notícia não será boa para Trump, tanto que os americanos têm até um termo específico para um presidente que perde as duas casas nas eleições de meio de mandato: *lame duck*, que em português poderia ser traduzido como “pato manco”, dada a dificuldade de se governar com um Congresso hostil. Sem dúvidas, um dos maiores problemas para Trump será lidar com os pedidos de *impeachment* contra ele, como aconteceu no primeiro mandato, quando dois foram aprovados na

Câmara, mas barrados no Senado. A aprovação de um impeachment é mais fácil na Câmara porque lá basta ter a maioria simples, coisa que os democratas tinham em 2021 e terão em 2027. Entretanto, no Senado são necessários dois terços dos votos (67), o que os democratas não tinham em 2021 e não terão a partir de 2027. Ou seja, apesar do constrangimento e do custo político, as chances de um impeachment ser aprovado nas duas casas, mesmo com a virada dos democratas, são muito baixas. Só que isso não significa ausência de outras dores de cabeça para Trump.

Controlando o Congresso, os democratas podem bloquear a agenda legislativa de interesse de Trump, como mudanças de impostos, novos gastos e mudanças regulatórias. Podem também atrasar a aprovação ou rejeitar nomes propostos por Trump para cargos no Executivo e no Judiciário, inclusive eventuais vagas para a Suprema Corte e/ou o Federal Reserve (BC americano), além de abrir investigações contra integrantes do governo – o Secretário de Guerra, Pete Hegseth, deve ser o primeiro da lista. Por fim, seria mais difícil para o governo aprovar o orçamento e o aumento do limite do teto da dívida, o que elevaria a chance de *shutdowns* do governo federal, como vimos no ano passado.

Mas, será que Trump assistiria a essa perda de poder de “braços cruzados”? Provavelmente não, e pensamos em três níveis de ações às quais ele poderia recorrer. O primeiro seria apenas dizer que a eleição foi roubada e que os republicanos perderam por ele não estar na cédula. O segundo nível seria composto de medidas para prejudicar a ida de eleitores às zonas eleitorais, como enviar agentes do Immigration and Customs Enforcement (ICE) para distritos democratas de maioria latina. Por fim, o terceiro – que não exclui os outros dois –

seria ir às vias de fato para contestar as eleições; uma forma de fazê-lo seria pedir o cruzamento das listas estaduais de eleitores com as federais do banco de dados SAVE² em estados onde a derrota se der por uma margem pequena. Como é impossível as listagens baterem, uma vez que são bancos de dados distintos, o caso acaba na Suprema Corte, como no episódio da recontagem dos votos na Flórida em 2000, quando só foi confirmado o novo presidente americano em 12 de dezembro, mais de um mês após a eleição. Multiplique isso por alguns estados, e fica clara a possibilidade de confusão pela frente – sobretudo porque, ao contrário de Al Gore, candidato democrata derrotado na época, Trump não vai desistir da ação.

As eleições de meio de mandato nos EUA têm como claro favorito o partido democrata, mas isso não significa falta de emoção. Provavelmente Trump não aceitará a derrota, e sua reação pode ir além de apenas alegar fraude, aumentando, portanto, o suspense sobre o resultado final, que pode demorar bem mais do que os 35 dias da eleição presidencial de 2000. Entretanto, caso esses obstáculos sejam superados, o mais provável é que Trump tenha alguns problemas com o Congresso em seus últimos dois anos de mandato, o que não implica uma mudança em sua forma de governar. Não deu a mínima para o Congresso, governando por meio de ordens executivas quando este era dominado pelos republicanos; e continuará a não dar a mínima diante do controle dos democratas. Com relação às eleições presidenciais de 2028, uma possível vitória dos democratas agora pouco nos diz sobre as chances de voltarem à Casa Branca daqui a dois anos. Primeiro porque não há correlação histórica entre as duas eleições e, segundo, porque, em caso de vitória dos democratas, ela se dará mais pelos erros de Trump do que pelos méritos do partido.

² Systematic Alien Verification for Entitlements, Sistema que foi criado para ajudar órgãos públicos a verificar a cidadania e a situação migratória dos cidadãos americanos.

Frase da Semana

“Quem é temido por muitos deve temer a muitos.”

Sólon

G5 Partners	2024	2025	2026	2027
IPCA (%)	4,83	4,26	5,30	4,30
SELIC F.P (%)	12,25	15,00	13,25	11,75
USDBRL	6,18	5,50	5,00	5,30
PIB (%)	3,40	2,30	1,80	1,90

Sobre O Canário da Mina

Durante os séculos XIX e XX, uma das atividades econômicas mais importantes do Reino Unido foi a extração de carvão de mina. Nesse contexto, uma das principais causas de acidentes com mortes dos mineiros era decorrente do vazamento de monóxido de carbono, um gás inodoro (difícil de detectar sem equipamentos) que, em grandes quantidades, pode provocar explosões ou morte por intoxicação. Como o monóxido de carbono é um resultado natural da extração do carvão, problemas de ventilação nas minas poderiam gerar acidentes mortais.

Em uma era pré-detectores de gases, o jeito de os mineiros se protegerem era levar um canário dentro de uma gaiola para a mina. Por ser muito mais sensível ao monóxido de carbono do que os humanos, a agitação do pássaro servia de alerta para que os trabalhadores deixassem a mina antes que um acidente ocorresse.

Esse é o objetivo de “O Canário da Mina”, artigo semanal que a G5 Partners divulga todas as sextas-feiras. O objetivo é ser um instrumento relevante e gerador de reflexões para o final de semana.

Boa leitura.

G5 Partners. Além dos resultados.